

NARRATIVAS DE DOR: REFLEXÕES QUE PARTEM DA ABJEÇÃO DO CORPO E SE TRANSFORMAM EM POTÊNCIA

Felipe Grassine de Oliveira¹
André Luiz Carvalho Cardoso²

INTRODUÇÃO

A intenção desta escrita é evidenciar processos de construção de uma dissertação de mestrado a partir do corpo e de violências contra ele acometidas. Utilizamos a dissertação de Grassine, intitulada *Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?* como base para o desenvolvimento desta proposta, a fim de evidenciar as possibilidades de interseções entre a escrita acadêmica, as vivências e violências sofridas por um corpo não binário militante nas ruas. Esperamos com isso dar a ver a inseparabilidade da escrita acadêmica do corpo e seus atravessamentos políticos e sociais.

Neste sentido, é importante me localizar no presente texto, enquanto pessoa trans não-binária, gorda, não branca, designer e desenhista, pois a relação da escrita advém diretamente das reflexões enquanto corpo dissidente que sofre diversas agressões simplesmente por existir e que busca traduzir e promover reflexões teóricas e ativistas a partir destas práticas.

A escrita da dissertação supracitada se deu atravessando cinco etapas, e aqui objetivamos compartilhar a construção destas etapas que evidenciam o quanto meu corpo ativista e militante está ligado às reflexões trazidas, articulando práticas artísticas e de design que auxiliaram a subverter de certa forma a organização por vezes endurecida de uma dissertação. As cinco etapas são: 1. texto narrativo e relato de experiência; 2. Ilustrações autorais; 3. Indagações e questionamentos; 4. Refletindo a partir de teorias de gênero, queer e transfeministas; 5. Entendendo como o design corrobora para abjeção e como subverter as práticas.

1 Doutoranda em Design da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, grassine.co@gmail.com;

2 Professor orientador: Doutor, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, alcarvalho@esdi.uerj.br.

METODOLOGIA E RESULTADOS

A primeira etapa, que origina e dá força para a escrita, é a narrativa, por isso o texto é escrito em primeira pessoa. Para além de buscar uma centralidade na minha narrativa, decido relatar em primeira pessoa como gesto político de aproximação / representação de uma comunidade que (ainda) não está na academia - notadamente pessoas trans, travestis e não binárias. Comunidades que muitas vezes não têm acesso a academia por não contarem com condições sociais e econômicas para tal. E, para além, comunicar, com o campo do design, sobre temáticas de gênero e sexualidades dissidentes, ainda tão pouco abordadas na área. A intenção é perceber na leitura que se trata uma conversa e que estou me despidendo ao narrar momentos pessoais, e a partir disso gerar uma reflexão coletiva com o leitor sobre como enxergar essa comunidade, pensando em novas ferramentas de ação, como aqui uso o design.

O livro *E se eu fosse puta*, da autora Amara Moira (2016), foi usado como referência para pensar em uma estrutura narrativa. Em seu livro, Amara relata suas experiências em ser uma travesti e prostituta, contando casos curtos de experiências com o trabalho sexual na rua, além de trazer questões sobre sua travestilidade.

Logo, começo cada capítulo com uma narrativa de agressão física que meu corpo sofreu enquanto uma pessoa trans não binária. Junto ao relato, utilizo a segunda etapa, que são ilustrações autorais como uma vontade de amenizar a escrita, e, ao mesmo tempo promover um tom mais satírico e talvez debochado, como estratégia de superação e que evidencie as múltiplas formas como estas violências atravessam meu corpo. As ilustrações foram construídas apenas por linhas, de forma digital, utilizando o mesmo padrão de ilustração para pessoas cisgêneras e uma diversidade de formas para corpos dissidentes. Algumas ilustrações possuem caixas de fala, dotadas, muitas das vezes, de certo escracho, em uma tentativa de apaziguar na minha mente o ocorrido.

Os relatos e ilustrações também se fazem presentes no texto para marcar experiências de violência não somente física, mas também verbal, ou para demonstrar algum tipo de sentimento sobre o assunto abordado, conforme o exemplo abaixo (OLIVEIRA, 2023, pg. 13-14):

Não lembro o dia, nem a hora, mas lembro que foi no início do meu questionamento sobre a possibilidade de ser uma mulher trans/ travesti, talvez pelo meio do ano de 2016. Lembro que para sair de casa e ir a festas, rolês e bares, eu levava uma bolsa onde colocava roupas que me faziam sentir confortáveis, mas que na sociedade não me

caberia enquanto lido como homem. Mas era rotina, sabia que para sair de casa, numa cidade longe do centro do Rio de Janeiro, eu precisava me vestir conforme a música cisheteronormativa tocava. Não era só vergonha dos meus pais me verem com roupas “femininas” e não saber como agir, mas era medo de me acontecer uma terceira agressão física, as agressões verbais já não sabiam nem que casa de centenas estava essa contagem. Todas as vezes que apanhei foi por infringir uma masculinidade, por negar ser homem, por não obedecer às normas gestuais, verbais, corporais desse ser homem original. E, por um tempo, essa foi minha rotina, de carregar na mochila a pele que melhor me cabia, de encontrar abrigo em casa de amigas que me recebiam para de fato poder me trajar da forma que me fazia mais realizada, que faziam meus olhos brilhar.

Aos poucos fui tomando gosto e coragem, trazendo essa performance mais aparente, me vestindo mais com essa pele, saindo de cabeça erguida com uma peça ou outra, me sentindo sexy, desejada e gostosa até que em fevereiro de 2017, tudo caiu.

Dandara foi brutalmente torturada e assassinada. ASSASSINADA!

Lembro que quando saiu a reportagem sobre esse caso, eu chorei muito, meu coração se espremeu em medo e tive que tirar da mochila e guardar na última gaveta a pele que melhor me vestia. Vendo toda minha aflição, minha mãe me falou algo que nem sei se algum dia esquecerei, ela disse:

— Meu filho, eu te amo muito, e sei que você não é igual a todos, mas meu maior medo é ligar a TV, abrir um jornal e descobrir que você morreu, apenas por ser o que é.

Em silêncio, com olhar perdido fiquei. Não sei vocês, mas eu não quero ser a “trans assassinada”, o “gay morto”, não quero ser alguém sem nome achado no valão. Desde então, decidi ser a cada dia 100% da minha melhor pele, decidi fazer do meu corpo um instrumento de luta, e é por isso que hoje estou aqui, viva, sendo uma pessoa trans trazendo questões de pessoas trans. Até hoje, escrevendo esse relato, meu estômago dá um nó e meus olhos se enchem de água. Dandara permanece viva no meu coração e na minha força para lutar.

As três próximas etapas, questionamento, reflexão sobre questões de gênero e design, são norteadas pelas etapas de relato e ilustração. Os questionamentos surgem a partir de dois sentimentos: o primeiro que é como hoje revisitando essa memória e tendo um letramento social e acadêmico em relação a questões de gênero consigo articular e pensar essas narrativas como um potencializador de questões para conseguir articular e movimentar discussões em torno destas vivências, e segundo como eu me recordo de sentir isso no momento que aconteceu as agressões. Com ajuda de uma psicóloga, fui tentando aos poucos visitar

essas lembranças a fim de conseguir expressar o que senti naquele instante. Foi na junção das duas que consegui articular questões que vinham carregadas de raiva e medo, mas também bem articuladas de conseguir gerar uma questão para possivelmente responder.

A partir da terceira etapa, pude demonstrar de forma articulada e pautada dentro dos estudos de gênero, principalmente nas leituras transfeministas (MOMBAÇA, 2021; NASCIMENTO, 2021; VERGUEIRO, 2016), e à teoria queer (PORTINARI, 2017; ALTMAYER, 2016; COSTANZA-CHOCK; 2018) como as relações de força operam na sociedade ocidental inserida em um sistema patriarcal cisheteronormativo que fornece as condições culturais para que corpos como o meu sofram violência simplesmente por existir. Tendo isso mais claro, olhei para mim enquanto designer e pude entender os fatores que corroboram para que corpos dissidentes continuem habitando as margens mais vulneráveis da sociedade. Entendimentos que permitem também criar estratégias de atuação para revisitações e reformulações de métodos que estão impregnados no campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de diferentes linguagens, como a ilustração e a escrita na primeira pessoa me possibilitaram desenvolver uma ferramenta de sensibilização para questões políticas e sociais complexas, bem como criar espaços de diálogo e troca de práticas e estratégias. Cada vez mais o uso de textos em primeira pessoa tem sido uma opção para diversas pesquisadoras (HARAWAY, 2019) que muitas das vezes a pesquisa atravessa seu corpo, assim como essa, atravessou e partiu do meu. Neste sentido, práticas do design se apresentam como ferramenta política de denúncia e suporte a narrativas, complementando reflexões teóricas suscitadas pelo habitar o mundo.

Palavras-chave: Estruturas narrativas, Relato de experiência, Design, Transgeneridade.

REFERÊNCIAS

ALTMAYER, Guilherme. Tropicuir : (re)existências políticas nas ações performáticas de corpos transviados no Rio de Janeiro / Carlos Guilherme Mace Altmayer ; orientadora: Denise Berruezo Portinari ; coorientadora: Tania Rivera. – 2016.

COSTANZA-CHOCK, Sasha. Design Justice: towards an intersectional feminist framework for design theory and practice, p. 529-540. In: Design Research

Society International Conference [Proceedings of DRS2018, v.2]. Limerick: Design Research Society, 2018.

OLIVEIRA, Grassine de. Design abjeto: o queer eu tenho a ver com isso?. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 1 jan. 1995. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>> Acesso em 10 jul. 2023.

MOIRA, Amara. E se eu fosse puta - São Paulo : Hoo Editora, 2016. 216 p. : il., color.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. 1. esd. - Rio de Janeiro, Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia. Transfeminismo. Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaraí, 2021

PORTINARI, Denise. Queerizar o design. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Seminário Design.Com, Outubro 2017. pp. 1-19.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016.